

■ Continuação da 1ª página

Um líder político que virou ídolo popular

■ Entre uma eleição e outra, ACM somou forças e agora quer aumentar a vantagem de Paulo Souto para um milhão de votos

Os resultados finais da eleição na Bahia são avassaladores. O candidato de Antônio Carlos Magalhães ao governo do estado, Paulo Souto, bateu João Durval no primeiro turno, com diferença de 800 mil votos. Mas lhe faltaram 40 mil votos para liquar na época a fatura.

Agora, ACM não só quer aumentar essa vantagem para mais de um milhão de votos como está contabilizando dividendos que só os vencedores sabem somar. O segundo turno de governador uniu no palanque da oposição poções que antes não se imaginava juntar, numa desesperada tentativa de conter a força política e eleitoral de ACM. Waldir Pires chamou João Durval de "adrão" em 1986. A prefeita Lidice da Ma proibiu que João Durval entrasse no parido dela, o PSDB. Mas deixaram diferenças e ressentimentos de lado para somar forças e enfrentar ACM.

ACM comeu-os primeiro pelas bordas. Entre uma eleição e outra, foi ganhando a adesão de líderes políticos que não estiveram com ele no primeiro turno. Elegeu 21 dos 39 deputados federais da Bahia, mas em pouco tempo passou a contar com mais três deputados. Fez 35 dos 63 deputados estaduais, mas logo recebeu em seu grupo outros sete. ACM não sabe com exatidão quantos são os seus prefeitos. São cerca de 370 em 415, diz. Por que essa imprecisão? "Todo dia tem prefeito aderindo", diz ACM, com um sorriso maroto.

Com apoio nas bases o palanque da oposição está afundando. A explicação seria simples: o erro da oposição é se ocupar demais em bater num político consagrado nas ruas. "Se você fizer cooper comigo, vai ver. Não consigo andar. Os ônibus pa-



Em 40 anos de vida pública, o ex-governador Antônio Carlos Magalhães tem despertado ódios ou paixões, medo ou euforia. Agora, será pólo de atração política no Senado

Quando era deputado federal, no final dos anos 50, uma amizade especial abriu muitas portas a ACM: a do poeta Augusto Frederico Schmidt

rão", diz ACM. A simples presença dele meche com as pessoas como os trios elétricos provocam as multidões. Ele não é só um líder político. É um ídolo popular, com poucos artistas conseguem ser. "Não tem um político no Brasil assim como eu", diz ACM.

De menino a velho, de mulher bonita a feia, sobretudo as feias, de pobre a rico, principalmente os pobres, gente que tem cara de povo acena para ACM, faz-lhe saudação entusiasmada, aproxima-se, pega nele, abraça-o, alisa-o, as mulheres sapeca-lhe beijos, se penduram em seu pescoço se agasalham sob seus braços, as suas bochechas ficam pintadas de batom, e quando as declarações de amor não são feitas ali, naquela mistura de correria e acanhado, são remetidas por carta ou bilhete, como o de uma fanzoca que escreveu assim: "I love you (em inglês). Eu amo tu (em português)".

ACM também se transforma. Fica feliz, ralhante nas ruas. Essa convivência íntima com o eleitor é um tônico para ele. Pode estar no pior dia, morto de cansado, desconfiado de doença, se for para as ruas fica bem na hora. Não era de se imaginar que fosse tão diferente do pai, o deputado federal Magalhães Neto, colega de Juscelino Kubitschek na Constituinte de 1934 e muito mais próximo dos intelectuais do que do povo. O primeiro partido de ACM, a UDN, era de elite e classe média. Quando conquistou o primeiro mandato, de deputado estadual em 1954, o povo estava do outro lado, chorando a morte de Getúlio Vargas, o pai dos pobres, e jogando a culpa pelo suicídio do presidente sobre a UDN.

ACM incorporou o estilo rompedor da UDN para abrir suas próprias picadas. Era recém-formado em Medicina. É verdade o que os inimigos dizem: jamais passou receitas. "Mas também nunca assinei atestado de óbito. No máximo, dei umas injeções na minha sogra, coitada." Era redator dos debates da Assembleia Legislativa da Bahia nos Diários Associados. "Aptava mais do que deputado", lembra.

Certa vez, teve a petulância de interromper com um descabido aparte o discurso de um deputado que atacava o seu primeiro chefe político, Juracy Magalhães. Quando ganhou a primeira eleição, tinha já uma característica que o marcaria para sempre: a de orador brigão. Era muito amigo, na época, do então deputado estadual Waldir Pires. "Ao contrário do que ele diz. Saíamos juntos, com as nossas mulheres, éramos recém-casados. E fomos juntos para a Câmara Federal em 1958", conta ACM. Como deputado federal, uma amizade especial abriu-lhe muitas portas, era primeiro lugar as dos donos de jornais: a do poeta Augusto Frederico Schmidt. († Marcelo Pontes)



ACM apoiou Médici, mas lutou pela vitória de Tancredo. Ficou ao lado de Collor e garantiu coesão do PFL em torno de Cardoso



Fotos de arquivo

Um gesto que conquistou JK

Não foi particularmente a amizade com Augusto Frederico Schmidt nem o fato de o pai ter sido colega de Constituinte de JK que tornaram Antônio Carlos Magalhães íntimo do governo já a partir do final da década de 50. Foi um gesto de audácia.

Ao chegar para uma audiência no Palácio das Laranjeiras, residência do presidente, no Rio, ACM ficou 40 minutos de molho numa cadeira. Ao recebê-lo, o presidente Juscelino o festejou: "Que prazer". ACM estava irritado com a espera: "É, mas eu não volto mais aqui depois de passar por essa humilhação". JK pegou-o pela mão e o levou ao seu quarto. Mostrou a mesinha de cabeceira. "Olhe, este telefone aqui, só eu e o Tenezini atendemos." Tenezini era o secretário dele. "Você vai falar direto comigo." Ainda hoje ACM se lembra do número: 45-6995.

Cartas — A amizade durou a vida toda de JK. Foi ACM quem deu a JK a informação de que tinha sido cassado pelo comando do golpe de 1964, oferecendo-lhe a pista para obter asilo político. Mesmo estando do lado do golpe, jamais deixou de falar ou de se encontrar com JK. Dele ACM guarda com muito carinho uma coleção de cartas mandadas do exterior.

O gesto de ousadia que teve no palácio de JK ACM repetiu diante dos que o cassaram. Em 1975, época de ouro do regime militar, prestou homenagem a JK num quartel da Polícia Militar da Bahia. Era, então, governador nomeado, a primeira das três vezes em que governou a Bahia (1971-75; 1979-83; 1991-94). Se serviu ao regime militar, afrontou-o quando sentiu que podia contribuir para a volta da democracia. Em 1979, ofereceu espaço e proteção na Bahia para que a UNE, então proscrita, fizesse um congresso de estudantes.

Resposta — Em 1984, nocauteou a ditadura com uma violenta nota de reposta a um discurso do ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Matos. Délio disse que "a história não fala bem dos covardes e muito menos dos traidores". Referia-se aos dissidentes do PDS, como ACM, que garantiriam quatro meses depois a vitória de Tancredo Neves sobre Paulo Maluf, no Colégio Eleitoral.

Ao afirmar que traidores eram os que apoiavam corruptos, ACM conteve a ameaça de intervenção dos militares na sucessão presidencial. Achava que ia ser preso. Não foi. Foi para o governo. Tancredo deu-lhe o Ministério das Comunicações, onde ficou até descer a rampa com Sarney, cinco anos depois.

Aliás, desceu e voltou em seguida, com Fernando Collor. Com Itamar Franco não tem intimidades. Cada um respeita o pávio curto do outro. Mas foi decisiva a sua ajuda para que o PFL apoiasse o Plano Real com mais coesão do que o PSDB. Foi aí que começou a aliança que levou à eleição de Fernando Henrique Cardoso e pôs de novo ACM no centro do poder. (M.P.)

A força eleitoral de ACM

	Conquistados após a	Total ACM	Total Bahia
Senadores	2	3	3
Deputados federais	21	24	39
Deputados estaduais	35	42	63
Prefeitos		370	415

ACM deve eleger governador da Bahia, nesta terça-feira, o geólogo Paulo Souto. Também ajudou a eleger o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Marco Maciel só é vice-presidente da República porque ACM, principal cacique do PFL, aprovou um dos filhos de ACM, deputado Luis Eduardo Magalhães, devesa ser o presidente da Câmara dos Deputados, terceiro posto na hierarquia da República.

A oposição destruída por ACM

Ex-governadores	Ex-ministro	Prefeito de Salvador	Parlamentares
João Durval	Juracy Jr.	Lidice da Mala	José Lourenço
Waldir Pires			Sérgio Gaudenzi
Nilo Coelho			Ruy Bacelar
Roberto Santos			

ENTREVISTA/ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

"Jamais indicarei nomes"

Com Antônio Carlos Magalhães, 67 anos de idade, 40 de vida pública, não há meio-termo. Ele desperta ódios ou paixões. Medo ou euforia. É solidário como um cão com os amigos. E raioso e demolidor com os inimigos como um leão acuado. Tem o lado ternura e o lado malvadeza. Pelo que é capaz: de amar e destruir, o senador ACM será um dos principais pólos de atração política de Brasília a partir de 1995.

— O senhor vai tutelar o governo de Fernando Henrique Cardoso?

— Só tenho um desejo: que ele governe com os melhores. E, é claro, atendendo às reivindicações justas do Nordeste e da Bahia, mas sem nenhum favoritismo.

— E nomes para o Ministério? O senhor indicará?

— Jamais indicarei nomes. Mas é claro que se ele pensar em nomear baianos ou nordestinos para o Ministério, e quiser me ouvir, estou à disposição dele. Mas o governo é dele, ele é responsável pelos êxitos, e é ele quem tem de formar a equipe.

— Qual é o maior defeito de ACM?

— Esta pergunta é boa para ser respondida pelos meus inimigos. Talvez o maior defei-

to seja jogar paixão em tudo o que faço. É isso mesmo. Jogo tanta paixão que às vezes posso cometer exageros.

— Qual o maior defeito dos políticos, em geral?

— A falta de coerência e ainda a corrupção. Sem a corrupção, metade dos graves problemas do Brasil seria resolvida. A corrupção ainda continua a existir em vários setores do país.

— Por que o senhor gosta tanto de massacrar os seus adversários?

— Não é verdade que eu goste de massacrar. Tantos já foram meus adversários, e tantos deixaram de ser. Muitos fizeram do anticarilismo uma bandeira e se deram mal. Quando percebem que erraram, se arrependem. Mas não consigo odiar. Gosto de repetir sempre uma frase de Carlos Lacerda: "Não odeio ninguém para não me tornar escravo de quem odeio."

— Tem saudades de algum amigo que virou adversário?

— O que eu mais senti, e o que me deixou saudades, foi Luis Vianna.

— Por quê?

— Era uma companhia extremamente agradável. Sempre me entendi muito bem com ele.

— Quem mais prazer lhe deu em se tornar seu adversário?

— Esse tal de João Durval. Ele ganha em cinismo. Mas quem ganha em corrupção é esse Nilo Coelho.

— Que arrependimentos o senhor tem em sua carreira política?

— Não tenho arrependimentos. Mas, certamente, o que mais foi explorado foi uma atitude de decência minha, ao apoiar o presidente Fernando Collor até o fim. Apoiei por ter sido o responsável pela decisão dele de expurgar a corrupção do governo, modificando o Ministério. Dos governadores do Nordeste, só eu combati a corrupção no governo Collor. Graças a isso, consegui derrubar o Ministério podre, e isso me obrigou a ficar com ele até o fim, mesmo sabendo que o governo estava inapelavelmente derrubado. Minha força moral era tão grande que não perdi um ponto nas pesquisas de popularidade na Bahia.

— Qual é a sua grande aspiração política no momento?

— Ser um bom senador. E vou ser.

— O senhor deixou de pensar em se candidatar um dia à Presidência da República?

— Deixei.